**GT 28 - Saúde, currículo, formação: experiências, vivências, aprendizados e resistência sobre raça, etnia, gênero e seus (des)afetos.**

**O racismo estrutura profundamente a democracia no Brasil ao reduzir a abrangência da cidadania. É base da criação, manutenção de preconceitos, ou seja, ideias e imagens estereotipadas e inferiorizantes acerca da diferença do outro e do outro diferente, justificando a discriminação (Batista, 2017). O racismo gera iniquidades em saúde, caracterizando-se como importante fator de violação de direitos. Estudos ratificam tais assertivas ao evidenciarem diferenças nos indicadores epidemiológicas e de acesso a bens, educação e saúde entre brancos, pretos, pardos, indígenas e amarelos. Da mesma forma, a classe social, gênero e geração são impactantes no desfecho saúde, e/ou na determinação da distribuição do processo de produção da saúde, doença e morte. Entende-se que a formação dos profissionais de saúde é um campo estratégico para a alteração desse quadro. No 12º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva em 2018 ocorreu a primeira reunião do Fórum de Graduação em Saúde Coletiva e o Grupo de Trabalho Racismo e Saúde da ABRASCO. Na ocasião, houve consenso sobre a necessidade de abordar currículos de graduação de Saúde Coletiva na perspectiva das relações étnicoraciais e Saúde da População Negra. A inovação oportunizada pela discussão não só confirmou a necessidade da reformulação dos projetos pedagógicos de cursos tendo em vista a promoção da igualdade racial a partir da abordagem de temas como: educação das relações étnico-raciais, história e cultura da população negra e indígena, e suas influências sobre a tríade saúde/doença/cuidado, mas também, de suas interseccionalidades, como gênero, sexualidade, ou ainda classe social, em busca da equidade. A ABRASCO e o recém criado GT Racismo e Saúde foram protagonistas ao viabilizar esta arena para discussões. Assim, a reflexão e proposição de currículo(s) para a formação e qualificação de profissionais e agentes de saúde na perspectiva da equidade devem estar baseados em diálogos entre múltiplos e diferentes saberes, conhecimentos, vivências e práticas, estes construídos e desenvolvidos por acadêmicos, pesquisadores, integrantes de movimentos sociais, estudantes de graduação e/ou pós-graduação, gestores(as), e demais interessados(as) como propõe a perspectiva da Ecologia de Saberes (Boaventura Santos, 2005) e fomentar transformações. Por isto, esta proposta se justifica e tem como objetivos:**

**1. Selecionar experiências, ações, vivências, resistências e enfrentamentos referentes a processos formativos acerca de: Interface Saúde – Currículo - Formação: Experiências, Vivências, Aprendizados e Resistência sobre Raça, Etnia, Gênero e seus (des)afetos. Interseccionalidades e vulnerabilidades**

**2. Apresentar por meio de painel, oficinas e comunicações orais experiências, vivências, resistências e enfrentamentos referentes ao recorte temático: Interface Saúde – Educação - Formação: Experiências, Vivências, Aprendizados e Resistência sobre Raça, Etnia, Gênero e seus (des)afetos, produzidos/realizados em torno da proposição da abordagem de conteúdos/saberes, alterações curriculares e/ou de projetos pedagógicos de cursos; Interseccionalidades e vulnerabilidades.**

**3. Estabelecer uma rede entre os atores sociais ativos e atuantes para encaminhar e realizar uma agenda convergente das experiências, ações, vivências, resistências e enfrentamentos referentes ao recorte temático: Interface Saúde - Currículo - Formação: Experiências, Vivências, Aprendizados e Resistência sobre Raça, Etnia, Gênero e seus (des)afetos; Interseccionalidades e vulnerabilidades, apresentadas e discutidas nas sessões.**

**Coordenadores:  
Edna Maria de Araújo  
Rosana Batista Monteiro  
Márcia Pereira Alves dos Santos**